

O ELEMENTO REVOLUCIONÁRIO NA CIDADE INDUSTRIAL DE *HARD TIMES*: DO UTILITARISMO AO VALOR DO SENSO COMUM

JOANA LIMA
UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

Na sequência da leitura que fazem da obra *Hard Times*, Edwin Percy Whipple e John Ruskin acusam Charles Dickens de não compreender a filosofia utilitarista e de revelar falta de rigor no tratamento dos assuntos que a esta filosofia dizem respeito. Este artigo procura demonstrar que Dickens não pretende apresentar uma teoria político-económica completa e precisa através de *Hard Times*. O autor procura mostrar a necessidade da entrada da fantasia na cidade industrial e utilitarista de *Coketown* e esta obra deverá ser observada como um veículo de reflexão e de crítica, bem como um movimento revolucionário, na medida em que resulta de um exercício artístico que sugere uma nova ordem e que permite uma transmissão de ideias cujo valor deverá ser considerado, ainda que possam revelar a simplicidade do senso comum.

Palavras-chave: Charles Dickens, *Hard Times*, Utilitarismo, *Coketown*.

As a result of their reading of *Hard Times*, Edwin Percy Whipple and John Ruskin argue that Charles Dickens does not understand the utilitarian philosophy and reveals lack of rigor when addressing issues concerned with this same philosophy. This paper tries to demonstrate that Dickens does not intend to present a complete and accurate political and economic theory through *Hard Times*. The author seeks to show the necessity of fantasy to enter in the industrial and utilitarian city of *Coketown* and this novel must be observed as a vehicle for reflection and critique, as well as a revolutionary movement, as it results from an artistic exercise which suggests a new order and allows the transmission of ideas whose value should be considered, although they may reveal the simplicity of common sense.

Keywords: Charles Dickens, *Hard Times*, Utilitarianism, *Coketown*.

O período de estabilidade política e êxito económico vivido pela Inglaterra de Dickens revela-se determinante para a crescente evolução e desenvolvimento deste país. A filosofia utilitarista e os seus princípios acompanham este cenário, assumindo-se como suporte ideológico do processo de industrialização do século XIX. Valorizam-se os factos e os números e o objectivo principal de quem personifica estes tempos de progresso traduz-se na obtenção da rentabilidade máxima da sua produção, mesmo que em detrimento de quem vive os tempos difíceis da cidade industrial de *Hard Times*. *Coketown* assume-se como paradigma da história da industrialização, como espaço que conduz a uma perda de individualidade e a uma crescente uniformização:

It was a town of red brick, or of brick that would have been red if the smoke and ashes had allowed it; but as matters stood, it was a town of unnatural red and black like the painted face of a savage. It was a town of machinery and tall chimneys, out of which interminable serpents of smoke trailed themselves for ever and ever, and never got uncoiled. It had a black canal in it, and a river that ran purple with ill-smelling dye, and vast piles of building full of windows where there was a rattling and a trembling all day long, and where the piston of the steam-engine worked monotonously up and down, like the head of an elephant in a state of melancholy madness. It contained several large streets all very like one another, and many small streets still more like one another, inhabited by people equally like one another, who all went in and out at the same hours, with the same sound upon the same pavements, to do the same work, and to whom every day was the same as yesterday and to-morrow, and every year the counterpart of the last and the next. (22)

No artigo “On the Economic Fallacies of Hard Times”,¹ Edwin Percy Whipple argumenta que Dickens não compreende a filosofia utilitarista e, por esse mesmo motivo, Gradgrind não poderá representar a posição filosófica de Jeremy Bentham. Também John Ruskin, apesar de considerar *Hard Times* a melhor obra de Dickens e de salientar a sua relevância em termos de estudo de questões sociais, já havia referido que deveria existir, por parte do autor, uma análise mais rigorosa dos assuntos tratados (Collins 314).

Não creio, no entanto, que Dickens tenha pretendido apresentar uma teoria político-económica completa e precisa através de *Hard Times*, mas antes mostrar a necessidade da entrada da fantasia no mundo utilitarista. Esta sua obra deverá, então, ser observada como uma brecha imaginativa que escapa a esta realidade estatística, como um veículo de reflexão e de crítica e, em última análise, como um movimento revolucionário, enquanto resultado de um exercício artístico que sugere uma nova ordem e permite uma

1 O artigo foi publicado em 1877, em *The Atlantic Monthly*. Todas referências feitas ao mesmo serão extraídas do livro editado por Philip Collins, *Charles Dickens: The Critical Heritage*, referido na bibliografia.

transmissão de ideias cujo valor deverá ser considerado, mesmo revelando a simplicidade do senso comum.²

A intenção satírica de Dickens é clarificada pelo próprio autor, numa carta que escreve a Charles Knight, em 1855: “My satire is against those who see figures and averages, and nothing else – the representatives of the wickedest and most enormous vice of this time – the men who, through long years to come, will do more to damage the real useful truths of political economy than I could do (if I tried) in my whole life” (275).

O traço subtil da sua crítica pode ser observado, desde logo, no título desta obra – *Hard Times for These Times*. A segunda parte do título – *For These Times* – permite recuperar a imagem de Inglaterra enquanto espaço de estabilidade política e económica, contexto ideal para o processo acelerado de industrialização. A mecanização da indústria, as novas invenções, o desenvolvimento das técnicas de fabrico e a implementação da filosofia de divisão do trabalho propiciam um custo menor, uma maior rapidez de produção e, conseqüentemente, uma presença mais significativa no mercado. A produção aumenta, assim como o número de exportações, nomeadamente para as colónias inglesas, também fornecedoras de matérias-primas. Desenvolvem-se as grandes cidades industriais, edificadas por uma burguesia rica e poderosa. São os tempos de progresso para *Bounderby*, personagem de Dickens cuja visão materialista lhe permite apenas responder aos seus próprios interesses e ambições.

Paralelamente, a primeira parte do título, e tal como afirma David Craig, assume-se como expressão de cansaço e sofrimento: “*Hard Times* stands out in that it was the phrase which came most naturally, when weariness or hardship had to be voiced, to the people with whom the novel is concerned: the men, women and children whose lives were being transformed by the industrial revolution” (380). *Hard Times* recorda a população que não beneficia com as mudanças decorrentes da revolução industrial e que tenta sobreviver no “palácio de cristal” de “*These Times*”. As migrações e conseqüentes alterações demográficas provocam um aumento da população urbana, constituída, em grande parte, pelos novos operários, alguns dos quais crianças, que vivem miseravelmente em bairros operários. Este grupo de habitantes do espaço industrial inglês suporta um número excessivo de horas de trabalho árduo, não recompensado pelos salários baixos recebidos, os quais constituem, apesar disso, o único meio de sobrevivência num cenário de miséria, fome e doenças.³ São tempos difíceis para Stephen, um exemplo das inúmeras “Coketown

2 Louis Cazamian define *Hard Times* como “social novel”, um romance portador de uma tese social: “a novel which aims at directly influencing human relations, either in general, or with reference to one particular set of circumstances” (7-8). Josephine M. Guy estabelece uma distinção entre este tipo de romance e obras precedentes ou contemporâneas do mesmo, salientando a sua vertente educativa e promotora de debate social: “social-problem novels are typically distinguished from earlier novels, and from other works contemporary with them, by their attempt to comment on, and stimulate debate about, matters of general public and political concern. (. . .) So social-problem novelists are commonly credited with the intention of trying to educate, and therefore by implication to change, the opinions and prejudices of their readers” (3-4).

3 A Reforma Parlamentar de 1832 beneficiara a burguesia, aproximando esta classe economicamente pode-

Hands” (Dickens 119) que tornam possível a riqueza de Bounderby. São tempos igualmente difíceis para Louisa e Tom Gradgrind; educados segundo princípios utilitaristas, não conseguem ultrapassar as falhas da sua educação, tornando-se incapazes de encontrar um espaço que lhes permita a sua realização pessoal. Do mesmo modo, os tempos também não se revelam fáceis para Thomas Gradgrind, pois vê-se forçado a admitir a falha do sistema utilitarista, responsável pelas experiências de vida fracassadas dos seus filhos.⁴

Apesar de a história de *Hard Times* decorrer num cenário citadino e industrial, “Sowing”, “Reaping” e “Garnering”, termos relacionados com a agricultura, intitulam as três partes da obra, sugerindo uma intenção crítica por parte do autor. O espaço agrícola e o mundo natural surgem nestes títulos como contraponto do universo industrial e do automatismo fabril. O ciclo de vida da natureza, regenerador e benéfico, vai acentuar, paradoxalmente, os efeitos negativos das “sementes” utilitaristas nas vidas das personagens desta obra. Todavia, e segundo Whipple, Dickens não se revela conhecedor desta filosofia, desenvolvendo a narrativa sob uma orientação emocional, que escapa a um conhecimento racional profundo:

These opinions are formed by quick-witted impressions intensified by philanthropic emotions; they spring neither from any deep insight of reason nor from any careful processes of reasoning; and they are therefore contemptuously discarded as fallacies by all thinkers on social problems who are devoted to the investigation of social phenomena and the establishment of economic laws. (Collins 316)

Humphry House, tal como Whipple, observa em Dickens a ausência de um conhecimento profundo sobre as teorias económicas da sua época. No entanto, House não deixa de referir que as principais ideias veiculadas pela política do *laissez-faire*, assim como o princípio de Malthus relativo à evolução da população, correspondiam a assuntos de domínio público, sendo, por isso, amplamente divulgados e debatidos (73). Por outro lado, o crítico alerta para o facto de não ser simples estabelecer uma distinção entre a teoria original de Bentham e as ideias disseminadas a partir da mesma: “many of Bentham’s ideas

rosa do poder político, através de representantes na Câmara dos Comuns; considerando que a política do *laissez-faire* poderia constituir uma arma contra os privilégios da aristocracia, os operários haviam dado o seu apoio à classe burguesa, sem conseguir, no entanto, alcançar o direito de voto, ou qualquer melhoria significativa de condições de vida. Entre 1835 e 1848, o Movimento Cartista – movimento dos operários ingleses – lutara através de manifestações e petições para que se procedesse a uma reforma eleitoral e em 1837 a associação dos operários redigira a Carta do Povo para ser apresentada ao Parlamento, reclamando, uma vez mais, o sufrágio universal. Refira-se, a este propósito, que apenas em 1918 um Acto do Parlamento inglês viria a consagrar o direito de voto a todos os homens com mais de vinte e um anos, assim como a algumas mulheres com mais de trinta anos; só em 1928 viria a assegurar-se o sufrágio universal para todas as pessoas com mais de vinte e um anos.

4 Não há propriamente personagens principais em *Hard Times*; cada personagem, mais do que individualizada, surge como representante de um grupo ou de uma classe, permitindo observar a obra enquanto história de uma sociedade.

had trickled down through various channels from their source, joining minor streams of opinion from other sources as they went, that it is quite impossible to detect, even in writers more familiar with ideas and arguments than Dickens ever was, what is Benthamite and what is not” (38). House reconhece ainda o facto de Dickens ter a percepção da existência de uma falha no pensamento utilitarista: “[Dickens] obviously felt during the ‘fifties, when Public Health and Administrative Reform were keeping him so closely to social-political problems, that there must be some essential flaw in the reasoning of such a man as Bright” (205).

Na verdade, Dickens organiza a narrativa com rigor, tentando demonstrar a existência dessa falha essencial que observa na filosofia utilitarista e as possíveis consequências da mesma. A história não começa com o discurso do narrador, mas com a intervenção de uma personagem, não identificada, que insiste na importância dos *factos* no sistema educativo: “Teach these boys and girls nothing but facts. (. . .) In this life, we want nothing but Facts, sir, nothing but Facts!” (7). A voz é de Thomas Gradgrind: “a man of realities. A man of facts and calculations. (. . .) ready to weigh and measure any parcel of human nature” (8). Gradgrind personifica o sistema rígido e pragmático sustentado pela filosofia utilitarista, a qual procura transmitir aos seus filhos,⁵ através de uma educação baseada em factos, números e definições precisas, e paralelamente promotora da anulação da imaginação e da fantasia, bem como da capacidade crítica dos alunos, meros recipientes de informação.⁶ A descrição que é feita desta personagem remete para um dos princípios mais importantes da filosofia de Bentham: a possibilidade de tornar as qualidades quantificáveis, isto é, a possibilidade de determinar o valor das acções humanas. De acordo com a teoria da moralidade utilitarista, o acto justo e moralmente correcto correspondia ao acto que traduzia as melhores consequências, a felicidade e o prazer: “the greatest happiness of the greatest number” (Cit. em Ford 34). Deste modo, todos os actos são justificáveis desde que conduzam aos melhores resultados. A aplicação deste *Princípio da Utilidade* encontra-se assim subjacente à noção de “acto certo”.

Segundo Whipple, Dickens considerava que os economistas políticos da sua época negligenciavam ou ignoravam o elemento emocional nas teorias que defendiam (Collins 315), mas, na realidade, a forma como se vai processar a evolução de Gradgrind parece indicar que Dickens não aponta aos utilitaristas um erro de intenção relativamente à concepção das suas teorias. O autor reconhece em Gradgrind e nos seus princípios uma filosofia baseada em ideais que a personagem acredita serem válidos e passíveis de orientar o ser humano no seu comportamento.⁷ Dickens privilegia, de facto, o lado humano em

5 Os filhos mais novos de Gradgrind possuem os nomes de dois representantes da escola utilitarista - Adam Smith e Malthus -, evidenciando as convicções da personagem relativamente a este pensamento filosófico.

6 A educação assumia um papel de extrema importância no sistema de Bentham. Segundo este filósofo, a educação deveria moldar os interesses do indivíduo, de modo a que estes se identificassem com os da comunidade.

7 A fundamentação teórica da filosofia utilitarista chamava a si ideais de liberdade, justiça e felicidade,

detrimento de tudo o que é puramente estatístico e, por isso mesmo, Gradgrind revela a sua sensibilidade quer no momento em que decide abrigar Sissy, quer na relação que tem com Louisa e na forma como tenta proteger Tom. Estas atitudes de Gradgrind permitem igualmente negar a existência de intolerância e de parcialidade por parte de Dickens, contrariamente ao afirmado por Whipple; Dickens não ignora ou exclui o elemento humano na personagem que concebe como representante de um economista político.⁸

Note-se que Dickens inicia a narrativa numa escola, satirizando o modelo de educação decorrente da filosofia utilitarista: “Ah, rather overdone, M’Choakumchild. If he had only learnt a little less, how infinitely better he might have taught much more!” (13).⁹ A educação interfere no pensamento e atitudes dos seres humanos e vai reflectir-se, inevitavelmente, nas orientações dos poderes político, económico e social, constituindo um instrumento poderoso de transmissão de uma cultura e assegurando a sua conservação.¹⁰ Estes alunos, recipientes passivos de factos e de definições, são preparados para a transmissão de valores inerentes à organização e funcionamento de uma sociedade industrial.¹¹

Bitzer é concebido por Dickens enquanto exemplo destes mesmos “recipientes

sendo possível observar um espírito humanista na base da sua concepção. No entanto, segundo R. J. Cruikshank, os ideais teóricos produziam um estado de cegueira face às suas consequências negativas reais: “the advocates of *laissez-faire* were not by any means a union of Scrooges and Bounderbys. In their ranks were men of humane instincts, of deep religious impulses, of profound attachment to the idea of Liberty, of high sense of public duty; men inspired, as we have seen, by the ideal of universal peace; and, like many good men before them (and since) they were capable of endless self-deception. They were so absorbed by the beauty of their theory that they were blind to its worst consequences. They believed that they had laid hold upon a great truth, upon a new revelation of Freedom and Justice, and that its application must inevitably bring “the greatest happiness of the greatest number” (46). Louis Cazamian observa o mesmo espírito reformista nos utilitaristas, assim como a sua grande preocupação com o bem-estar da população: “these dry and abstract utilitarians were far from being the soulless monsters that popular prejudice made of them. Adam Smith and Bentham exhibited a simple and humane public spirit: this became more pessimistic and doom-laden in Malthus and Ricardo, and burned as a pure flame of logic in James Mill. But it was present in all of them, running as a vein of sentiment throughout their lives and writings (. . .) They put down abuses by exposing them in their analysis of society: they had their own philanthropy, and were able to collaborate with other philanthropists” (19-20).

8 Ver Collins, 1995: 316.

9 Choakumchild representa um *comissioner of fact*, cuja função é fazer cumprir as normas educacionais, percorrendo as escolas para confirmar se o *useful knowledge* – conhecimento factual, pragmático, útil – está a ser posto em prática.

10 A este propósito Boris Ford salienta o facto de Dickens utilizar o espaço reservado à educação de forma a ultrapassar questões relacionadas com teorias económicas, atacando as ideias psicológicas e educacionais, bases filosóficas do utilitarismo (34).

11 David Goldknopf relaciona o tipo de ensino inerente ao pensamento utilitarista com a necessidade de eficiência no desempenho das profissões que se tornam necessárias no contexto de crescimento acelerado das cidades industriais: “the Industrial Revolution did create a need for many office workers, technicians, banking personnel, and intermediate supervisors. They had to be trained in the accumulation, recording, and low-grade interpretation of the growing body of facts which an industrial society required to operate efficiently. And these processes had to be performed accurately, because inaccuracy could be very costly. Also, in the increasingly complex and competitive struggle of commerce, all considerations inimical or even extraneous to the data-processing function had to be rigorously excluded, lest their impair its efficiency” (149).

passivos” do sistema educativo em questão. A sua descrição sugere uma postura rígida, de pouca abertura e inflexibilidade e encontra-se perfeitamente integrado num mundo de factos, característica, aliás, que o capacita a dar a definição de cavalo pretendida pelo professor: uma definição enciclopédica, memorizada sem qualquer paixão. Bitzer acaba por revelar-se como uma representação do individualismo levado até às últimas consequências, agindo, tal como Bounderby, apenas em função dos seus interesses. Bitzer considera que a sociedade e a sua forma de organização privilegiam apenas os mais fortes, pelo que procura determinar as suas atitudes e o seu comportamento de modo a poder ser um dos privilegiados.

Sissy, alegre e saudável, é uma personagem estranha ao universo de rigidez utilitarista e representa a imaginação e a fantasia. Embora contactando directamente com os cavalos do circo e possuindo um conhecimento real dos mesmos, não consegue dar uma definição precisa de cavalo em termos científicos. A educação utilitarista ordena-lhe que abandone o mundo da fantasia (11), mas a ordem revela-se de difícil cumprimento para quem faz parte de um circo, onde é algo mais do que “girl number twenty” (8). Sissy não é capaz de transmitir estes valores, mas a sua inocência infantil permite-lhe sugerir o que lhe parece ser um sistema justo. A linguagem humanista que domina verbaliza um novo princípio da ciência da Economia Política: “to do unto others as I would that they should do unto me” (46). Deste modo, no contexto da lógica do seu pensamento, a noção de “Natural Prosperity” sobrepõe-se ao conceito de “National Prosperity” (47). O primeiro princípio de Economia Política que faz sentido para Sissy contraria o individualismo crescente da sociedade industrial, tornando vazias expressões como *self-interest* e *self-help*.¹² A expressão “natural prosperity” sugere uma noção de igualdade democrática, de igualdade de direitos relativamente à hipótese de prosperidade, cenário não identificável com a expressão “national prosperity”. A prosperidade de uma minoria favorecida pelo processo de industrialização não corresponde à situação da população que tenta sobreviver em condições de extrema pobreza.

Contrariamente a Sissy e aos restantes membros do circo, Tom e Louisa vivem de acordo com o pensamento utilitarista.¹³ Gradgrind e a sua filosofia transformam Louisa num ser humano passivo e resignado, que escolhe isolar-se no seu vazio interior. Tom revela-se egoísta e egocêntrico e na sua luta contra o sistema personificado pelo pai acaba por subverter os princípios “úteis” aprendidos ao roubar dinheiro do banco onde trabalha.¹⁴ A educação utilitarista revela-se distante da experiência humana e, apesar de

12 Cada indivíduo deveria agir de acordo com os seus interesses, aproveitando todas as oportunidades que pudessem resultar em seu benefício. Ao agir conforme a sua vontade, os indivíduos fariam a coisa certa e todos beneficiariam. Por outro lado, seria fundamental a sua liberdade de acção: não deveriam depender do estado ou da igreja para resolver os seus problemas, ou sujeitar-se a qualquer intervenção por parte destas instituições. No contexto industrial, esta liberdade seria traduzida por expressões como “free trade” ou “laissez faire.”

13 O narrador refere-se a estas personagens como “mathematical Thomas” e metallurgical Louisa” (15).

14 A filosofia utilitarista considerava útil tudo o que cumprisse verdadeiramente uma função, pelo que se poderá notar, uma vez mais, a forma como Dickens subverte os princípios defendidos por esta filosofia.

encerrar no seu próprio nome o conceito de utilidade, parece tornar-se inútil quando aplicada à vida concreta de cada indivíduo.

Bounderby pretende ser reconhecido como “self-made man” (17); representa o poder económico, protagonizando um industrial capitalista, com pouco ou nenhum respeito pelos trabalhadores,¹⁵ que se move em função dos seus interesses e não de qualquer ideal. Inventa um passado que o enaltece, convencendo-se a si e aos outros das suas grandes qualidades, esquecendo-se, no entanto, que a sua existência estará sempre dependente de “self-made oucasts” (66) como Stephen. Bounderby, tal como Bitzer, traduz a crença na lei do mais apto em termos sociais e procura enriquecer e conseguir a sua ascensão social.¹⁶ Perante todo este cenário de pragmatismo, o pedido de casamento que Bounderby faz a Louisa Gradgrind não podia deixar de ser discutido racionalmente, em função de factos e estatísticas. O contacto de Louisa com o sentimento e com a fantasia, limitado pelo sistema que lhe foi imposto, fá-la aceitar resignadamente um casamento que surge como um contrato:

“You are not impulsive, you are not romantic, you are accustomed to view everything from the strong dispassionate ground of reason and calculation. From that ground alone, I know you will view and consider what I am going to communicate (. . .) “Louisa, my dear, you are the subject of a proposal of marriage that has been made to me.” Again he waited, and again she answered not one word. This so far surprised him, as to induce him gently to repeat, “a proposal of marriage, my dear.” To which she returned, without any visible emotion whatever: “I hear you, father. I am attending, I assure you.”

“Well!” said Mr. Gradgrind, breaking into a smile, after being for the moment at a loss, “you are even more dispassionate than I expected, Louisa. (. . .) “Have you any wish in reference to the period of your marriage, my child?”

“None, father. What does it matter?” (75-78).

Harthouse podia apresentar-se como uma alternativa, de certo modo mais fantasiosa, a uma filosofia que não prevê qualquer decisão em função de um sentimento. Todavia, Harthouse acaba por revelar-se um produto do sistema, partilhando com Louisa não só

15 Os trabalhadores confundem-se com mecanismos de uma grande máquina: Louisa, por exemplo, não tem conhecimento dos operários a não ser enquanto “hands”, mãos capazes de produzir, e não como indivíduos possuidores de uma outra experiência de vida que não a de uma fábrica. Sabe o que produzem em determinado período de tempo, o que recebem, de acordo com a lei da oferta e da procura, e tem conhecimento da pobreza em que vivem através de percentagens e estatísticas (ver Dickens, 1990: 119).

16 Q. D. Leavis e F. R. Leavis salientam a obsessão de Bounderby relativamente à satisfação dos seus interesses pessoais em detrimento da defesa de qualquer ideal: “Victorian ‘rugged individualism’ in its grossest and most intransigent form. Concerned with nothing but self-assertion and power and material success, he has no interest in ideals or ideas – except the idea of being the completely self-made man” (Leavis, Q. D. e F. R. Leavis 188).

um sentimento de resignação e de cansaço perante a vida como também uma ausência de qualquer convicção para lutar por um sistema diferente, defendendo um ideal: “what will be will be”(99). Assim, opta por uma postura conformista e escolhe apenas o lado funcional e material das coisas, despreocupadamente e sem convicções. A imagem negativa que dá de si próprio acaba por pôr em causa a sua integridade moral e política, questionando, de um modo implícito, a imagem do seu partido e dos seguidores da filosofia utilitarista.

A presença de Harthouse vai permitir a Louisa aperceber-se do vazio existente na sua vida, consequência da educação utilitarista recebida, mas não é suficiente para ultrapassar os erros decorrentes desta educação e Louisa regressa a casa de seu pai, forçando-o a enfrentar a falha do sistema por si defendido. Gradgrind, apesar das suas convicções, acaba por reconhecer a derrota da sua filosofia, assumindo essa responsabilidade, muito embora não deixe de referir que acreditava estar a fazer o que considerava correcto, agindo por convicção. Gradgrind, imbuído de uma maior bondade e sensatez, passa a reconhecer a existência não só da sabedoria da razão, que considerava única, mas também de uma sabedoria emocional, negligenciada no seu sistema e na educação transmitida aos seus filhos.

O sistema utilitarista também não traz felicidade a Tom, que acaba por cometer um crime, roubando dinheiro do banco de Bounderby. Crítico relativamente ao sistema e à educação recebida, apresenta ao pai uma justificação para o seu acto, partindo das leis desse mesmo sistema, que não só não impede como parece proporcionar a existência de corrupção e desonestidade.¹⁷ Ironicamente, a sua fuga só se torna possível devido à ajuda dos homens do circo. Já Bitzer recusa-se a salvá-lo, pensando apenas nos seus interesses, considerando que levar Tom de volta para Coketown pode significar uma promoção e um aumento de salário:

“Bitzer,” said Mr. Gradgrind, broken down, and miserably submissive to him, “have you a heart?”

“The circulation, Sir,” returned Bitzer, smiling at the oddity of the question, “couldn’t be carried on without one. No man, Sir, acquainted with the facts established by Harvey relating to the circulation of the blood, can doubt that I have a heart.”

“Is it accessible,” cried Mr. Gradgrind, “to any compassionate influence?”

“It is accessible to Reason, Sir,” returned the excellent young man. “And to nothing else.” (. . .) “What motive – even what motive in reason – can you have for preventing the escape of this wretched youth,” said Mr. Gradgrind, “and

17 Dickens subverte a teoria da moralidade utilitarista: o acto que poderia significar felicidade e prazer para Tom, e consequentemente ser considerado moralmente correcto segundo esta filosofia, corresponde a um crime.

crushing his miserable father? See his sister here. Pity us!”

“Sir,” returned Bitzer, (. . .) I am going to take young Mr. Tom back to Coketown, in order to deliver him over to Mr. Bounderby. Sir, I have no doubt whatever that Mr. Bounderby will then promote me to young Mr. Tom’s situation. And I wish to have his situation, Sir, for it will be a rise to me, and will do me good.”

“If this is solely a question of self-interest with you” – Mr. Gradgrind began.

“I beg your pardon for interrupting you, Sir,” returned Bitzer; “but I am sure you know that the whole social system is a question of self-interest. What you must always appeal to, is a person’s self-interest. It’s your only hold. We are so constituted. I was brought up in that catechism when I was very young, Sir, as you are aware” (210-211).

Uma vez mais, Gradgrind é forçado a confrontar-se com o sistema que sempre defendeu e que acaba por voltar-se contra si, através da atitude de Bitzer. “The whole social system is a question of self-interest” diz Bitzer; tudo custa alguma coisa, o dar implica sempre receber, tudo é contabilizado. Paralelamente, Sleary e os restantes membros do circo representam a solidariedade, o espírito de entreatajuda. Sleary não aceita a recompensa oferecida por Gradgrind, doando-a a uma família do circo que vive com dificuldades.

O narrador estabelece um paralelismo entre duas realidades claramente distintas: o circo de Sleary, associado ao mundo da diversão e da imaginação, e o mundo geométrico dos factos que determinam a vida de Coketown:

You saw nothing in Coketown but what was severely workful. If the members of a religious persuasion built a chapel there - as the members of eighteen religious persuasions had done - they made it a pious warehouse of red brick, with sometimes (but this is only in highly ornamental examples) a bell in a birdcage on the top of it. The solitary exception was the New Church; a stuccoed edifice with a square steeple over the door, terminating in four short pinnacles like florid wooden legs. All the public inscriptions in the town were painted alike, in severe characters of black and white. The jail might have been the infirmary, the infirmary might have been the jail, the town-hall might have been either, or both, or anything else, for anything that appeared to the contrary in the graces of their construction. Fact, fact, fact, everywhere in the material aspect of the town; fact, fact, fact, everywhere in the immaterial. The M’Choakumchild school was all fact, and the school of design was all fact, and the relations between master and man were all fact, and everything was fact between the lying-in hospital and the cemetery, and what you couldn’t state in figures, or show to be purchaseable in the cheapest market and saleable in the dearest, was not, and never should be, world without end, Amen. (22-23)

O circo, pelo contrário, subsiste pela fantasia e pelo sentimento, pela solidariedade e pela compreensão. Afastado das filosofias utilitaristas e economicistas de Gradgrind e Bounderby, o circo não se oferece como cenário para a prática de “useful acts” ou de trabalho em série, assumindo-se antes como palco de diferentes actividades artísticas, que visam apenas o prazer. A actividade circense procura apenas a diversão, desprezando os conceitos de utilidade e de rentabilidade. Como diz Mr. Sleary, “People mutht be amuthed, Thquire, thomehow” (36). Dickens conjuga a sátira e o humor, constrói um espaço diferente, propõe um sistema que vale pelos valores que veicula e que representa, valores perdidos pela sociedade industrial inglesa.

Whipple acusa Dickens de não possuir a preparação científica necessária para o desenvolvimento da sua crítica a esta sociedade industrial, nomeadamente em termos de questões sociais, políticas e económicas: “If Dickens had contented himself with using his great powers of observation, sympathy, humor, imagination, and characterization in their appropriate fields, his lack of scientific training in the austere domain of social, legal and political science would have been hardly perceptible” (Collins 318).¹⁸ O narrador emite, indubitavelmente, juízos de valor perante a situação de quem vive os tempos difíceis da sociedade industrial, mas o seu discurso desenvolve-se a partir de um estilo poético, sem a pretensão de assumir o papel de uma teoria de economia política. Dickens critica os economistas seguidores da filosofia utilitarista pela rigidez do seu sistema, apelando para a necessidade de se deixar espaço para a imaginação e para a fantasia, elementos passíveis de colorir uma realidade nem sempre favorável. O recurso ao elemento imaginativo, ao mundo da ilusão, em detrimento de factos e estatísticas, pode atenuar a *dor* e a *infelicidade* de quem vive os tempos difíceis. A fantasia e a imaginação esbatem o lado negativo da realidade, evitando o desespero perante um sistema que vê apenas percentagens e que parece esquecer os direitos de quem não vive efectivamente em consonância com o estado de “National Prosperity”. Note-se, uma vez mais, que o *prazer* e a *felicidade* obtidos por quem acompanha de forma favorável os tempos de progresso coexistem com a *dor* e a *infelicidade* de quem vive o outro lado, não tão positivo, desse mesmo progresso.¹⁹

A experiência de Dickens enquanto jornalista permitia-lhe acompanhar os dois lados do progresso. Aliás, *Hard Times* começou por ser publicado em *Household Words*, periódico editado pelo próprio Dickens e que abordava temas diversos, relacionados com

18 A este propósito Edgar Johnson lembra que as ideias de Dickens tinham sido extremamente influenciadas pelo pensamento de Bentham: “he had written for the Examiner, one of the chief organs of the utilitarians, and he shared many of their aims of radical reform, but he refused to substitute abstract theory for the actual welfare of human beings. No doctrinaire utilitarianism could persuade him to offer up living sacrifices on the altar of political economy. Nothing could make him believe that industry would be ruined unless labor was enslaved to an iron law of wage. He insisted that when men worked long hours in dangerous or unsanitary surroundings for earnings so small that they and their families were half starved, something could and must be done. He insisted that they had a right to light, air, water for drinking and washing, education, and leisure and enjoyment in their lives” (1133-1134).

19 Os termos utilizados em itálico remetem para a polaridade estabelecida pela filosofia de Bentham.

a saúde pública, a educação, a promulgação de leis, a reforma das prisões, a emigração, a habitação, as condições de trabalho nas fábricas (Priestley 73). Esta abordagem de questões sociais, políticas e económicas indica um conhecimento profundo por parte de Dickens sobre os temas debatidos no seu contexto cultural. Além disso, pode observar-se uma complementaridade de valores considerando a inclusão de *Hard Times* neste periódico, isto é, se, por um lado, os artigos apresentados nesta publicação incluíam informações precisas e factos relacionados com os temas da actualidade de um espaço citadino e industrial, *Hard Times*, por seu lado, oferecia um universo de subjectividade.²⁰

Sylvia Bank Manning considera que as estruturas sociais das obras de Dickens traduzem comentários sobre questões de ordem moral e psicológica e não sobre questões de ordem económica ou política, pelo que as personagens e as instituições surgem como emblemas de uma doença espiritual: “the satirized characters and institutions are emblems of spiritual malaise. (. . .) No solutions are offered beyond what is implied in the malaise, for Dickens speaks as satirist, rendering the world he sees. Reformism is left to the journalistic writings” (228).

A publicação da obra de Dickens em *Household Words* torna-a acessível, tal como afirma Cazamian, a um maior número de pessoas de diferentes estratos sociais, esclarecendo, simultaneamente, a população incapaz de aceder à filosofia utilitarista:

a great diversity of intellects, superficial as well as thoughtful, confronted the novel. And the general climate of sensibility was influenced by this form which could instruct and divert, persuade and affect, at the same time. Literary realism was the best weapon social idealists could have wielded against the attitude of mind they opposed. Utilitarianism and political economy were alike abstract. The idealist reaction was able to castigate individualism for its failure to appreciate the real and concrete; for its substitution of the single faculty of reason for all the others; and for its replacement of complex human nature with one single type, economic man. (. . .) And under the writer’s guidance the reader took an instructive walk through society which was not offered him by any economist. (5-6)

Apesar de constituir um veículo importante em termos de crítica à sociedade inglesa do século XIX, *Hard Times* não veicula propriamente novas teorias e propostas para

20 Já em 1854 John Forster escrevia no jornal utilitarista *Examiner*: “*Hard Times*, in fact, is not meant to be fought through, prosed over, conned laboriously, Blue Book in hand. (. . .) The very journal in which the novel appeared is itself a complete answer to any man, who, treating in a hard-fact spirit all the fanciful allusions of the novelist, should accuse Mr. Dickens of attacking this good movement and the other, or of opposing the search after statistical and other information by which only real light can be thrown on social questions. What is *Household Words* but a great magazine of facts? And what one is there, of all those useful matters of detail which the novelist has by some readers been supposed to treat with disrespect, which he has not, as conductor of that journal, carefully and fully urged upon the public notice?” (Collins 302).

modificar a estrutura social. Contudo, aponta claramente para a necessidade de reestruturação de uma sociedade que reflecte as falhas e os erros do industrialismo e individualismo modernos, reconhecendo-se, neste sentido, o elemento revolucionário desta obra. O próprio Whipple admite a influência exercida por Dickens e pelas suas obras nas diferentes classes sociais: “the great characteristic of Dickens’s early popularity was this, that it was confined to no class, but extended to all classes, rich and poor, noble and plebein” (Collins 318).

Walter Crotch argumenta que Dickens apresenta uma nova proposta: “a new train of thought, a new vision, a new conception of mankind” (*The Soul of Dickens* 83) e fala em termos de “revolution in thought, feeling and ideas” (*The Secret of Dickens* 139). Cruikshank coloca Dickens entre os escritores responsáveis por uma mudança de pensamento, mudança essa mais revolucionária, segundo o crítico, do que qualquer uma conseguida por algum partido político: “it was the major novelists and the minor poets and forgotten hacks who quickened the public’s sensibilities in a harsh money-getting age” (55).

O espírito revolucionário de Dickens pode ser observado enquanto procura de uma nova ordem, de um sistema mais justo e mais humano.²¹ Dickens traduz este espírito através de uma visão do senso comum, ou melhor, através de uma visão que também possui a percepção do senso comum.

It is this quality, instinct in Dickens, the quality of looking at life and of judging all institutions from the standpoint of the common man, from the normal, human, and therefore vital requirements of the individual, that at once ensures his wonderful success as a dramatiser of life, and lifts him to an ethical and political plane far above any other of the great Victorians. That “extraordinary “common sense, united to an extraordinary uncommon “sensibility” made, and makes him, at once the supreme witness for the common man, the great revolutionary who is insisting on the need for justice and for free development, not for the *intellectuals* and the high-brows, but for the average, wholesome, human son of Adam (Crotch, *The Secret of Dickens* 152).

Raymond Williams considera que a crítica social enquanto visão da natureza do homem que se move entre os seus próprios limites de espaço e de tempo pertence ao universo da literatura:

the social criticism, giving that phrase its full value – not a set of opinions only, nor a series of reforms only, nor even habitual attitudes only, but a vision of the

21 Segundo Cazamian, *Hard Times* assume o que se poderá chamar de “elemento contra-revolucionário”: “an enormous number of people declared with sincere gratitude that it was from him that they first learnt of the virtues and aspirations of humble life, and he had preserved them in their happier fortune from practising self-interest. (. . .) Such comments suggest the true greatness and effectiveness of the social novel. It evoked feelings which restrained class-hatred by arousing compassion on the one hand and resignation on the other. It takes its place among the factors which saved England from revolution” (Cazamian 295).

nature of man and the means of his liberation in a close and particular place and time – this social criticism is in the end marvellously achieved and still profoundly active. For indeed it is the kind of social criticism which belongs to literature and especially, in our own civilisation, to the novel. Sociology can describe social conditions more accurately, at the level of ordinary measurement. A political programme can offer more precise remedies, at the level of ordinary action. Literature can attempt to follow these modes, but at its most important its process is different and yet still inescapably social: a whole way of seeing that is communicable to others, and a dramatisation of values that becomes an action. (*The English Novel from Dickens to Lawrence* 58-59)

A nova ordem proposta por *Hard Times* é revelada por Sissy, que continua a conservar a garrafa para o seu pai, porque acredita no seu regresso. É este o reflexo de um outro sistema de valores, mais humanista, o qual vai ajudar a promover a transformação de Gradgrind e que o leva a assumir, tal como Dickens, uma percepção de vida mais próxima do senso comum, ou tão simplesmente humana, e a repensar a sua actividade, substituindo a sua filosofia por “Faith, Hope, and Charity” (218).

Bibliografia:

- Cazamian, Louis. *The Social Novel in England: 1830 – 1850*, trad. de Martin Fido. London and Boston: Routledge & Kegan Paul, 1973 (1903).
- Collins, Philip (ed.). *Charles Dickens: The Critical Heritage*. London and New York: Routledge, 1995 (1971).
- Craig, David. “*Hard Times*: The Meaning of the Title.” *Hard Times: An Authoritative Text, Backgrounds, Sources, and Contemporary Reactions, Criticism*. Charles Dickens. George Ford and Sylvère Monod (eds.). New York, London: W. W. Norton & Company, 1990 (1966).
- Crotch, W. Walter. *The Secret of Dickens*. London: Chapman e Hall, Ltd, 1919.
- - -. *The Soul of Dickens*. London: Chapman e Hall, Ltd, 1916.
- Cruikshank, R. J. *Charles Dickens and Early Victorian England*. London: Sir Isaac Pitman and Sons Ltd., 1949.
- Dickens, Charles. *Hard Times: An Authoritative Text, Backgrounds, Sources, and Contemporary Reactions, Criticism*. George Ford and Sylvère Monod (eds.). New York, London: W. W. Norton & Company, 1990 (1966).
- Ford, Boris (ed.). *The New Pelican Guide to English Literature: From Dickens to Hardy*. London and New York: Penguin Books, 1982 (1958).
- Goldknopf, David. *The Life of the Novel*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.
- Guy, Josephine M. *The Victorian Social-Problem Novel*. London: MacMillan Press Ltd., 1996.

- House, Humphry. *The Dickens World*. London: Oxford University Press, 1942 (1941).
- Johnson, Edgar. *Charles Dickens: His Tragedy and Triumph*, 2 vols. Boston, Toronto: Little, Brown and Company, 1952.
- Leavis, F. R. *The Great Tradition*. New York: Doubleday & Company Inc., 1954.
- Leavis, Q. D. and F. R. Leavis. *Dickens the Novelist*. London: Chatto & Windus Ltd., 1970.
- Manning, Sylvia Bank. *Dickens as Satirist*. New Haven and London: Yale University Press, 1971.
- Mill, John Stuart. *Utilitarismo*, trad. de Eduardo Rogado Dias. Coimbra: Atlântida, 1863 (1961).
- Priestley, J.B. *Charles Dickens and His World*. London: Thames and Hudson, 1961.
- Thomson, David. *England in the Nineteenth Century: 1815-1914*. Harmondsworth: Penguin Books, 1978 (1950).
- Williams, Raymond. *Culture and Society: 1780-1950*. England: Penguin Books in association with Chatto & Windus, 1985 (1958).
- - -. *The English Novel from Dickens to Lawrence*. London: The Hogarth Press, 1984 (1970).
- Woodward, Llewellyn. *The Age of Reform: England 1815 – 1870*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1992 (1938).